

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA - CCP**

ILSA SANTOS MARTINS DA SILVA

**AUTONOMIA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO AMBIENTE
MONTESSORIANO E TRADICIONAL**

JUAZEIRO – BA

2021

ILSA SANTOS MARTINS DA SILVA

**AUTONOMIA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO AMBIENTE
MONTESSORIANO E TRADICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB como requisito para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientador (a): Profª Ms. Jieli Brito Neves Nascimento

Coorientador (a): Profª.Drª Aurilene Rodrigues Lima

JUAZEIRO – BA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586a

Silva, Ilsa Santos Martins da

Autonomia da criança no contexto escolar: uma análise comparativa do ambiente montessoriano e tradicional / Ilsa Santos Martins da Silva.

Juazeiro-BA, 2021.

58 fls.: il.

Orientador(a): Ms. Jieli Brito Neves Nascimento.

Coorientador(a): Prof.^a Dr.^a Aurilene Rodrigues Lima.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

1. Autonomia infantil – Educação. 2. Método Montessori. 3. Escola tradicional. I. Nascimento, Jieli Brito Neves. II. Lima, Aurilene Rodrigues. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 370.15

ILSA SANTOS MARTINS DA SILVA

**AUTONOMIA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO AMBIENTE
MONTESSORIANO E TRADICIONAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCHIII como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovado em: 14 de Julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Orientador(a): Prof. Ms. Jieli Brito Neves Nascimento –
Técnica universitária - UNEB



Coorientador(a): Prof. Dra. Aurilene Rodrigues Lima - UNEB



Prof. Dra. Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim - UNEB



Prof. Dra. Maria Rita do Amaral Assy – Prof. aposentada da UNEB

Dedico esse trabalho de forma especial a minha filha Louise Gabrielle, a
minha família e aos amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu maravilhoso Deus, por todas as bênçãos a mim concedidas.

Agradecer aos meus amados pais, por passarem valores essenciais para formação da minha personalidade e o do meu caráter, a toda a minha família por toda torcida e orações, as minhas irmãs por terem dedicado um tempo precioso cuidando com toda paciência e amor da minha linda filha Louise Gabrielle, enquanto estava na construção da monografia.

Agradeço especialmente à minha irmã mais velha Iris, por todo o apoio, companheirismo, sendo fundamental nesse sonho tão almejado por mim, sendo a primeira a me incentivar a prestar um vestibular e nesta etapa de conclusão de curso colocando-se a disposição para apreciar minhas escritas, aos cunhados e cunhadas que fizeram presentes nessa caminhada rumo a universidade, em especial à minha cunhada Karina por estar sempre à disposição a me acompanhar e testemunhar cada momento na busca do ingresso ao curso universitário.

Às minhas amigas de faculdade, o quinteto inseparável, na maioria das vezes por serem sempre parceiras e ótimas companhias: Tatiane, Josicléia, Tayanne, Lívia e Rosenil, por fazerem parte nessa caminhada.

Agradeço ao meu esposo e amor da minha vida Hélio Júnior, por todo o apoio durante minha graduação, compreensão, em especial nos últimos dias de construção da monografia.

Agradeço a minha amiga e irmã Cristina, por ouvir meus desabafos e me aconselhar com tanto carinho e me proporcionar discussões tão ricas.

Agradeço aos docentes que fizeram parte da construção do meu conhecimento, em especial as professoras Aurilene e Maria Rita (Maíta) docentes que inspiram aprendizado e minha orientadora Jieli Nascimento, pela sua paciência, parceria e orientações enriquecedoras, por me motivar e passar tranquilidade, em cada capítulo produzido.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma, torceram, aconselharam e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Deixo aqui meu amor e gratidão a todos vocês.

“Ajude-as a fazer sozinhas.” (Maria Montessori).

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a importância do desenvolvimento da Educação Infantil, identificando como a criança desenvolve a autonomia na Escola Tradicional e na Escola Montessoriana, apresentando uma análise comparativa quanto a autonomia da criança no contexto escolar, numa ótica de Escola Tradicional e de Escola Montessoriana. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com buscas de literatura acerca do tema, discorrendo sobre a construção da infância, ser criança na Escola Tradicional e na Escola Montessoriana, contextualizando num processo histórico o surgimento, a legalização e a escolarização da infância, buscando ainda apresentar nova roupagem da Escola Tradicional no século XXI, com sucinto histórico sobre a educadora Maria Montessori e os fundamentos do Método Montessori para a construção da concepção da criança autônoma. Que as percepções e análises feitas nesse trabalho, contribuam para os profissionais de educação infantil, permitindo-lhes um novo olhar direcionado para o desenvolvimento da autonomia na criança, pois percebe-se que a proposta da Escola tradicional aponta para uma maior passividade da criança na Escola Tradicional, enquanto que na Escola Montessoriana nota-se uma maior possibilidade de desenvolvimento da autonomia desse sujeito, podendo então contribuir na formação da sua personalidade, onde as crianças cresçam, e possam se tornar adultos, autônomos e críticos, um possível caminho para a melhoria da nossa Educação.

Palavras-chave: Autonomia Infantil; Método Montessori; Escola Tradicional

ABSTRACT

The present work aimed to reflect on the importance of the development of Early Childhood Education, identifying how the child develops autonomy in the Traditional School and in the Montessoriana School, presenting a comparative analysis of the child's autonomy in the school context, from the perspective of Traditional School and of the Montessorian School. A bibliographical research was carried out, with literature searches on the subject, discussing the construction of childhood, being a child in the Traditional School and in the Montessoriana School, contextualizing the emergence, legalization and schooling of childhood in a historical process, also seeking to present a new clothing of the Traditional School in the 21st century, with a brief history about the educator Maria Montessori and the foundations of the Montessori Method for the construction of the concept of the autonomous child. That the perceptions and analyzes made in this work contribute to early childhood education professionals, allowing them a new look towards the development of autonomy in the child, as it is clear that the proposal of the traditional School points to a greater passivity of the child in Traditional School, while in the Montessoriana School there is a greater possibility of developing the autonomy of this subject, which can then contribute to the formation of their personality, where children can grow up, and can become adults, autonomous and critical, a possible path to the improvement of our Education.

Keywords: Child Autonomy; Montessori Method; Traditional School

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 : Quadro As Meninas de Diego Velázquez.....	pág.19
FIGURA 02 : Crianças na Idade Média pequenos adultos	pág. 21
FIGURA 03 : Escola do século XIX.....	pág.30
FIGURA 04 : SALA DE AULA ANTIGAMENTE.....	pág. 37
FIGURA 05 : MARIA MONTESSORI.....	pág. 43
FIGURA 06 : Maria Montessori com criança utilizando os Encaixes Metálicos.....	pág. 44
FIGURA 07 : Crianças e docente na Linha numa sala de aula Montessoriana.....	pág. 50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1–A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA: SERES DEPENDENTES OU AUTÔNOMOS?	18
1.1- O SURGIMENTO DA INFÂNCIA	21
a. A LEGALIZAÇÃO DA INFÂNCIA.....	24
b.A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA.....	26
1.2- POR ONDE TRANSITOU A INFÂNCIA?	27
CAPÍTULO 2 – SER CRIANÇA NA ESCOLA TRADICIONAL	29
2.1- A NOVA ROUPAGEM DA ESCOLA TRADICIONAL NO SÉCULO XXI	32
2.1.1- O CENÁRIO BRASILEIRO.....	33
2.2 - UMA PERSPECTIVA DE MUDANÇA À ESCOLA TRADICIONAL: O MÉTODO MONTESSORI.....	34
2.3- ONDE ESTÁ A AUTONOMIA?.....	36
CAPÍTULO 3 – SER CRIANÇA NA ESCOLA MONTESSORI	39
3.1- BREVE HISTÓRICO DE MARIA MONTESSORI E SEU MÉTODO.....	41
3.2- PRINCIPAIS FUNDAMENTOS DO MÉTODO MONTESSORI	45
3.3- A CRIANÇA AUTÔNOMA.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem a finalidade de refletir sobre a importância do desenvolvimento da Educação Infantil, identificando como a criança desenvolve a autonomia na Escola Tradicional e na Escola Montessoriana. Surgindo então a vontade de abordar a respeito do tema ao trabalhar durante um período em uma escola privada de Educação Infantil como auxiliar de classe, onde esta utilizava o Método Montessori, reconhecendo os benefícios da metodologia de ensino na aprendizagem infantil. Formula-se então a seguinte questão: Como a autonomia infantil é tratada na Escola Tradicional e na Escola Montessoriana?

Para alcançar o objetivo apresentado e fundamentar o trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, utilizando-se a metodologia de revisão bibliográfica do tipo expositiva. Foram selecionadas diversas fontes de informação como livros teóricos, bancos de teses e dissertações de universidades, artigos e revistas científicas, além de sites especializados no tema.

As etapas transcorridas para a obtenção do resultado da pesquisa foram a *observação* que se deu durante a experiência vivenciada quando estive como auxiliar de classe. A *indagação* que surgiu durante essa vivência e originou o problema dessa pesquisa. A *interpretação* da realidade vivenciada através das fontes bibliográficas acerca do tema. A *reflexão* e a *análise* do apreendido a partir das leituras e das vivências durante meu período na escola Montessori e pregressas a partir de toda a minha vivência em escola tradicional. Assim, realizei a escolha do tema, elaborei um plano de trabalho, identifiquei os assuntos pertinentes ao tema e localizei as fontes bibliográficas acerca do mesmo (LAKATOS; MARCONE, 2003).

Os objetivos específicos foram: Refletir sobre a construção da infância, considerando a concepção de autonomia; Conhecer o processo de legalização e escolarização da infância num contexto histórico; Analisar de forma comparativa a autonomia da criança na Escola Tradicional e na Escola Montessoriana; Reconhecer as contribuições da Escola Montessoriana para desenvolvimento da autonomia infantil.

Dessa forma o trabalho está dividido em três capítulos: **A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA: SERES DEPENDENTES OU AUTÔNOMOS?** Discutindo o surgimento, a legalização e a escolarização da infância, indagando ainda neste contexto: por

onde transitou a infância? Trazendo ainda uma abordagem sobre **SER CRIANÇA NA ESCOLA TRADICIONAL**, refletindo sobre a nova roupagem da Escola Tradicional no século XXI, contextualizando esse histórico no cenário brasileiro; pontuando sobre uma perspectiva de mudança à Escola Tradicional: o Método Montessori. Buscou-se localizar onde está a autonomia infantil e para finalizar foi realizado um estudo sobre **SER CRIANÇA NA ESCOLA MONTESSORI**, com breve histórico sobre Maria Montessori, principais fundamentos do Método Montessori, colaborando para a construção da concepção da criança autônoma.

Propôs-se essa estrutura para melhor refletir, analisar, aprofundar e sistematizar o estudo da temática: o desenvolvimento da autonomia da criança na Educação Infantil da Escola Montessoriana.

Ao trabalhar durante um período em uma escola privada de educação infantil como auxiliar de classe, onde esta utilizava o Método Montessori me encantei com a metodologia ao observar crianças de um a dois anos de idade sentando à mesa, algumas necessitavam de um apoio de um adulto, já outras conseguiam sentarem-se sozinhas, depois quando acabava o lanche levavam seu copo e o prato para a piada cozinha para serem lavados, quando sobrava algum alimento no prato iam jogar na lixeira e depois lavavam as suas mãos indo ao banheiro sozinho sem autorização de um adulto.

Trabalhavam com o material didático montessoriano de sua escolha onde estes materiais ficavam organizados em estantes pequenas na altura de cada uma delas, porque com isso elas conseguiam trabalhar e guardá-los dentro de caixas ou nas estantes.

Em relação ao ambiente da sala de aula eram levados a deixarem o ambiente organizado, ajudando na limpeza das mesas, cadeiras, enrolando os tapetes onde serviam para colocar o material pedagógico, desenvolvendo o senso do cuidado e o respeito com os materiais didáticos.

Diante de tudo que foi exposto, surgiu o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre o desenvolvimento da autonomia na educação infantil nessa concepção.

Historicamente as crianças iniciavam a sua trajetória escolar mais tarde, por volta de seis a sete anos de idade, ficando em casa aos cuidados de suas mães, irmãos mais velhos e avós.

A Educação era não formal, o aprendizado era vivenciado através das experiências cotidianas, do dia a dia, com a família, amigos e vizinhos. O intuito era passar os valores de cidadania essenciais para formação de cidadão. Eles ensinavam as crianças sempre a respeitarem as pessoas mais velhas, através de punições muitas vezes físicas.

O que aparentava era que os adultos tinham uma intenção voltada para garantir que a criança obedecesse a regras, aceitar os comandos para não fugir aos padrões de comportamento da época, criança não tinha uma interação mais afetiva, era mais uma relação de quem manda e de quem obedece.

O respeito às pessoas mais velhas era muito enfatizado. Na época as mulheres dedicavam-se ao trabalho doméstico. Aos pais ficava o dever de trabalhar e prover o sustento da casa. As crianças ficavam livres para brincar no meio da rua, não tinham preocupação com nada. Só depois de um período a mulher passa a ter seu espaço no mercado de trabalho e passa a trabalhar fora, isso nas classes mais abastadas.

Já nas camadas populares desde sempre trabalhavam fora acumulando duas jornadas, acumulavam a função de prover a casa e dar conta das atividades domésticas. Uma situação de comando e comandado que também se assemelha a relação professor alunos presente na Escola Tradicional, o professor detentor do conhecimento e o aluno um receptor vazio pronto para receber os ensinamentos.

Essa relação muito presente no passado numa metodologia tradicional, educação bancária, vem sendo desmontada no decorrer do tempo, tendo predominância a questão da flexibilidade e o diálogo dentro do contexto escolar, onde hoje o aluno é protagonista no desenvolvimento da aprendizagem, ou seja, havendo uma troca de conhecimento entre ambas as partes.

Com o passar do tempo frequentando a escola, lembro-me de algumas regras obrigatórias por parte da instituição que tínhamos que cumprir, por exemplo: Fazer umas orações, cantar o hino nacional no pátio da escola para só depois irmos

para sala de aula acompanhados por nossos professores, para assim darem início às atividades que eram propostas.

Estas atividades das quais se utilizavam o método da Escola Tradicional onde continha o ato de memorização, repetição, fazendo com que as crianças decorassem algumas palavras.

Estas sentiam-se acuadas com certo receio, retraídas de fazerem perguntas aos professores, eram apenas ouvintes, iam pra escola como uma forma de obrigação dada pelos seus pais, o único momento que era prazeroso era à hora do recreio onde brincavam bastante com os seus coleguinhas.

Na época vivida o professor era o centro das atenções, não demonstrava muita afetividade e empatia para com os alunos, era tudo muito objetivo sem nenhuma relação de interação nessa aula.

O professor dava apenas uma explicação do que seria cobrado para logo em seguida aplicar uma atividade, eram feitos alguns ditados e depois corrigidos em sala mesmo, os alunos ficando apenas em silêncio e atentos a cada comando do docente.

Com isso foram aparecendo novas escolas com um modo de ensino totalmente inovador sendo chamada de escola nova, onde o aluno passa ser o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Percebe-se que a criança passa a ter participação ativa, tendo voz e vez, valorizando os conhecimentos do aluno mostrando ser uma pedagogia renovada. É de certa forma notório que existe empatia por parte do docente e discente no meio do processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança.

A criança apresenta liberdade de escolha onde pode trabalhar com qualquer material didático do seu interesse, permitindo o desenvolvimento da mesma e procurando assim considerar e valorizar cada ação realizada.

Uma escola com um novo modelo pedagógico, mas também com um aspecto diferenciado na estrutura física e dispendo de materiais didáticos variados. Onde antes os alunos com seu material cadernos, lápis e borracha, não usavam bolsas, sentavam em cadeiras em fileiras de frente com a lousa sem se movimentar dentro da sala de aula.

Algumas tarefas eram feitas através de mimeógrafos outras eram escritas a próprio punho pelos docentes no caderno das crianças, pois ainda não existiam algumas ferramentas para dar um suporte às atividades do professor.

Nesse contexto surge então entre outros um novo modelo de ensino propondo à sociedade ter outro olhar mais empático pela criança, sendo que esta passa a ter seus direitos respeitados e a ser valorizada através dos fundamentos e princípios do Método Montessori.

Nas escolas onde é aplicado o Método Montessori, desenvolvido pela médica Maria Montessori, as crianças da educação infantil sentam-se no chão em um círculo classificado como linha.

O mobiliário é pensado por Montessori exclusivamente ao desenvolvimento da autonomia e da liberdade de escolha pois ficam na altura da criança, onde escolhe com qual material vai trabalhar, materiais esses confeccionados por ela mesma, que podem ser divididos em áreas do método como vida prática, sensorial, linguagem, matemática e educação cósmica.

É notório que a criança nos dias de hoje tem seu tempo de aprendizagem respeitado, e de certa forma também possui liberdade de escolha, sendo que esta condição vem acompanhada de um determinado limite. Isso faz com que seja permitido a criança o desenvolvimento de uma forma mais leve onde a manifestação de cada atitude é valorizada.

Sabe-se da capacidade e ritmo de aprendizagem de cada uma, claro que não se deve dar tudo pronto e preparado para as crianças. Para isso a escola em parceria com a família precisa propor possibilidades para que ocorra esse crescimento e desenvolvimento de forma integral, de maneira a procurar perceber a satisfação da ação realizada e conquistada pela mesma, observando no rostinho delas o quanto se sentem felizes na realização das atividades.

Acredita-se que tendo um olhar direcionado para o desenvolvimento da autonomia dando oportunidade de forma que possa facilitar ou ajudar a criança, isso refletirá na sua vida futuramente fazendo com que ela tenha mais autoconfiança na resolução de problemas do cotidiano.

Que as proposições apresentadas nesse trabalho promovam contribuições para as reflexões sobre o Método Montessori como uma possibilidade de melhoria da nossa Educação.

CAPÍTULO 1—A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA: SERES DEPENDENTES OU AUTÔNOMOS?

Ao se pensar em criança e infância podemos perceber que a concepção de ambas nos traz características que mostram que estamos tratando de conceitos que se diferem, mas se relacionam.

É relevante ressaltar que o conceito dado à criança e à infância não são iguais, visto que não há uma única criança, ao mesmo tempo em que também não existe uma única infância.

Vimos em dicionários conceitos de criança dando maior ênfase em questões físicas, cronológicas, enquanto infância está mais relacionada às questões de transformações sociais, culturais, econômicas, entre outras.

No decorrer da história as concepções de criança e infância revelam diferentes significados. As crianças eram vistas pela sociedade como adultos em miniaturas, sem considerar as características e especificidades infantis.

Com relação à infância percebia-se como uma condição de vir a ser, desta forma não se havia respeito a criança enquanto ser histórico e social. Podemos entender essa relação quando Jácome (2018) menciona que:

A concepção de criança e Infância é marcada por época, e o conceito dado, estará sempre em construção, já que o próprio conceito está em permanente mudança, pois a infância está ligada a uma série de fatores que não são unicamente ligados a faixa etária, mas sim a modos de vida, maneiras de pensar e que vai constituindo formas de viver (JÁCOME, 2018, p.13).

É relevante refletir e entender a concepção de criança e infância ao longo dos processos históricos e sociais, assim trazendo uma maior compreensão das possibilidades de atuação desse sujeito enquanto agente histórico, um ser, e não um ser ainda no processo de vir a ser.

Pensando nesse sentido de infância conforme os processos históricos e sociais, pontuamos que ora essa criança atua de forma dependente e ora de forma autônoma. Devemos entender até que ponto essa autonomia se revela nas atitudes e escolhas da criança, em que momentos são apresentados sua dependência ao adulto.

Muitas vezes pelo fato dos pais quererem proteger demais, não os estimulando, acabam privando os filhos de experimentar ou se apropriar de algumas

experiências, eles acabam impossibilitando a conquista da autonomia que acontece gradativamente, ou seja, aos poucos. Martins e Dalbosco (2013) comentam sobre a proteção excessiva as crianças:

[...]Proteger excessivamente a criança é impedi-la de ser criança. A proteção excessiva pode impedi-la de aprender a viver com a dor e com as dificuldades. Isto é errado, pois como foi dito antes, a criança precisa conhecer a força da natureza e as suas próprias limitações (MARTINS; DALBOSCO,2013, p.90).

Em um momento da história antiga, eram crianças só no porte físico, porém, seres considerados independentes traziam com elas uma autonomia motora que dependendo da idade que se encontravam, já eram destinadas a aprenderem tarefas do dia a dia e de fora do contexto familiar também.

As crianças então eram consideradas aptas a desenvolverem algumas atividades que só os adultos executavam, há aqui uma pseudoautonomia por estarem sendo inseridas num mundo a qual não pertenciam, o mundo dos adultos.



FIGURA 01: Quadro As Meninas de Diego Velázquez

Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-as-meninas-velazquez/>

Na figura 01 do quadro As Meninas do artista Velázquez, observamos um registro da época com a representação do contexto do cotidiano palaciano (século XVII), a relação entre as pessoas que frequentavam esses espaços. São retratados

os servidores palacianos, que se apresentam ao redor da princesa Margarita Teresa, uma criança que na ocasião da pintura tinha 5 anos de idade, mas como pode ser observado veste roupas e usa adereços como se já estivesse na fase adulta. Assim, percebe-se a concepção do adulto em miniatura.

É interessante pontuar que alguns adultos atualmente por falta de conhecimento ou por outro motivo concebem as crianças como não capazes de executarem ações do cotidiano, como por exemplo amarrar os cadarços do próprio tênis, pode ser mais cômodo para os pais fazerem pela própria criança, as vezes por conta da correria do trabalho, privando a criança de uma experiência prática do cotidiano que iria favorecer o desenvolvimento da autonomia.

As crianças desta forma não conseguem executar determinadas ações sem um auxílio de um adulto ou de seus pais. Ou seja, não tem autonomia, mesmo depois de inseridas no contexto educacional infantil, porque em várias situações, necessitam que sempre tenha algum professor ou auxiliar de sala para realização das atividades a elas proposta.

Na idade Contemporânea que se inicia no século XIX e vem até os dias de hoje, a compreensão sobre criança se apresenta sob uma nova perspectiva ao considerarmos suas necessidades e condições de desenvolvimento, com características singulares e sujeito de sua história.

Podemos ver atualmente pais que sacrificando a infância e tentando antecipar a conquista dessa “autonomia e independência” matriculam as crianças cada vez mais cedo em inúmeros cursos com a justificativa de que estão investindo no futuro dos filhos, acreditando que dessa forma as crianças serão mais felizes e terão uma vida melhor.

É um engano grande tentar antecipar etapas da vida dessa criança, pois o respeito a criança em seu mundo é importante para o seu desenvolvimento (MARTINS; DALBOSCO,2013).

É importante que se entenda que a criança não é um adulto em miniatura, apenas vive uma fase muito especial da vida, devendo portanto receber a atenção e o respeito necessários para essa etapa.

1.1-O SURGIMENTO DA INFÂNCIA

Como já mencionado, durante a história antiga a criança era vista como um adulto em miniatura, o que os diferenciava era a questão da estatura física. As crianças utilizavam roupas de adultos, viviam entre os adultos, não brincavam na rua, não tinham vida de criança.

No período da Sociedade Feudal (séculos V a XV), antes do aparecimento das indústrias, a criança era vista como adulto em miniatura. A criança ao completar seis anos no período da Idade Média era inserida ao contexto do adulto, realizando atividades como trabalhar, passava a conviver com outros adultos, inclusive acompanhando-os à ambientes noturnos (CORTEZ, 2011).

Nesta época Medieval, como mostra a figura 02 um cenário onde as crianças tinham o modo de vestir e o trabalho realizado que estas realizavam não as diferenciavam do cotidiano de um adulto.



FIGURA 02: Crianças na Idade Média pequenos adultos

Fonte: <http://psicoterapiarj.blogspot.com/2014/03/a-infancia-e-uma-construcao-historica.html>

Na época, a infância era caracterizada para as crianças filhos de burgueses, que teriam de ser providas de todos os cuidados e serem escolarizadas, com o único objetivo de fins próprios. As crianças nessa época eram seres “adultizados”. Jácome (2018) traz considerações pertinentes quanto a essa visão da criança e infância nessa época:

[...] percebe-se que a criança não tinha a liberdade para viver um mundo próprio, ou seja, não tinha um tratamento diferenciado, prevalecia a representação da criança como um adulto em miniatura, não existindo na idade média, o sentimento de infância, acontecia que assim que a criança não precisasse mais da mãe ou da sua ama ela já adentrava no universo dos adultos, participando dos seus afazeres e trabalhos, isso porque acreditam que a criança já se tinha um certo discernimento de si e do mundo. O que não quer dizer que a criança dessa época fosse negligenciada, ou mesmo fossem desconsideradas. Pensava-se a criança como um papel em branco, sendo assim caberia aos adultos ensinar a criança a desenvolver o caráter e a razão (JÁCOME, 2018, p.20).

A criança era tida como um pequeno adulto, tanto que as crianças se casavam. O conceito de adolescente inexistia, as crianças trabalhavam, não existia o tempo para brincar, o tempo de ser adolescente para depois se tornarem adultos.

Essa condição da criança enquanto um pequeno adulto perdurou por um bom tempo na história, reproduzindo a ideia de um único modelo de infância, que escolarização e cuidados eram para a criança burguesa para preparação para atuar no futuro (ANELISE NASCIMENTO, 2009).

Elas conviviam nos séculos anteriores na mesma vivência do adulto no ambiente de trabalho e inclusive com relação à sexualidade as crianças compartilhavam dos mesmos ambientes que os adultos e a iniciação sexual se dava muito cedo. E com tudo isso elas entravam num compromisso de casamento com 13 a 14 anos de idade.

A criança é um ser o qual nos traz muitas alegrias e fazem da sociedade uma sociedade mais feliz por conta delas. Numa análise da história social, durante o início da sociedade industrial, por volta dos séculos XVI e XVII, com relação a aprendizagem, esta era adquirida por meio de observações das atividades feitas pelos adultos, ou seja, no convívio com os mesmos.

No século XIX, onde dá início a Idade Contemporânea, a infância é compreendida sobre um novo olhar, a criança passa a ser considerado um ser relevante, ocorrendo uma preocupação em criar espaços que deem condições para o seu desenvolvimento. Porém, este que deveriam ser pensados para desenvolver a parte pedagógica vem com o objetivo de somente cuidar da criança e não com o pensamento de desenvolver os processos educativos.

Na sociedade contemporânea o conceito de infância é idealizado já que as instituições educacionais ocupam um espaço central, para que o conhecimento seja adquirido de forma sistematizada na vida do sujeito. Ou seja, um lugar formal, que propaga, distribui o conhecimento por meio da socialização, transportando a cultura para dentro do meio onde o conhecimento é o fator principal. De acordo com Jácome (2018):

Ao falar do lugar da criança na atualidade, é de grande relevância que lembremo-nos que os conceitos estabelecidos de criança e infância é o aspecto decisivo que dá margem a discussões não só em âmbito educacional, mas também em discussões sociais, pois se hoje a criança é considerada um ser de direitos e que portanto possui suas singularidades, é por que o seu conceito e importância foi sendo modificado ao longo da história. Falar de conceito é se não apresentar ideias impostas pela sociedade em questão e que, conseqüentemente, representa a visão de cidadão que é estabelecida pela mesma (JÁCOME, 2018, p.28).

A infância é uma fase da vida de qualquer ser humano que tem que ser vivenciada. Infelizmente, nos dias de hoje, algumas crianças estão brincando cada vez menos devido ao excesso de atividades introduzidas que os pais proporcionam atividades essas como: natação, judô, aulas de futebol, entre outras, acabam sobrecarregando as crianças e muitas vezes deixando-as estressadas e menos felizes. Para Jieli Nascimento (2019):

A indefinição do lugar da criança nesse tempo em que vivemos gera toda uma problemática que reflete na escola. Na obstinação por transformar as crianças em super-adultos (aptos às melhores profissões e à capacidade de ótimas relações sociais) retiramos deles a própria infância. Os cercamos com cursos e atividades que os irão capacitar para o que consideramos importante (inglês, natação, reforço escolar), tudo para que quando crescerem sejam pessoas melhores e capazes, o objetivo não está errado, mas a forma talvez esteja (NASCIMENTO, J. B. N. 2019, p.123).

Ser criança hoje até por aspectos sociais e culturais é muito diferente do que ser criança há vinte anos. Algumas questões influenciam nessa mudança: a questão do consumo, da tecnologia, do papel da família etc.

Nos dias de hoje a criança tem a oportunidade de partilhar as brincadeiras, de serem afagadas e protegidas pelas suas famílias, diferente de alguns séculos passados.

Mas é visível como cada vez mais as crianças estão deixando de serem crianças, de vivenciar a infância, como em outro momento da história em que a criança era tida como adulto em miniatura, desde cedo querem usar roupas adultizadas, querem ter vida sexual ativa, viverem maquiadas, estarem nas festas

que são propícias a fase adulta, querendo deixar uma fase muito importante da sua vida que é a infância.

Sabe-se que outros fatores também contribuem para que isto aconteça, um deles é o fato de algumas crianças, por exemplo, serem inseridas no mercado de trabalho informal desde muito cedo, onde podem ser vistas trabalhando nas feiras livres, nas ruas da cidade vendendo sorvetes, com o contato do mundo midiático por meios das redes sociais, para as que têm acesso a essas novas tecnologias.

Cada caso é um caso, em alguns casos isso ocorre por elas sentirem a necessidade de ajudar no sustento da casa, outras na obtenção de alguns objetos, como vídeos games, celulares, bicicletas dentre outras coisas.

Com isso a criança vai se corrompendo no mundo em que o que é levado em consideração é o capital, onde o ter dinheiro para comprar tudo que necessitam, para elas, e não só para elas, mas para alguns pais é o mais importante. Esquecendo de dar prioridade a escola, ou seja, ao seu aprendizado.

E é o que está se repetindo no mundo contemporâneo, a criança deixa de aproveitar uma fase maravilhosa de se viver e que é primordial na sua vida que é a infância, pelo fato de querer se transformar em adultos antecipadamente.

Desta forma perdendo o brincar que é algo prazeroso na vida de cada criança e que faz parte da infância da maioria das crianças é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, pois segundo estudos o brincar favorece o cognitivo, ajuda a interação com o outro, desenvolve a psicomotricidade, afetividade, oralidade da criança, mexe com o imaginário delas dentre outras coisas.

a. A LEGALIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Tendo a consciência de que a criança e a infância têm sua importância hoje em dia, e passam a ter certo destaque na sociedade, elas desempenham uma enorme influência sobre a formação legislativa no passar dos séculos.

Depois de vários avanços na legislação brasileira relacionados ao atendimento à criança, ela passa a ser vista como sujeito de direitos constitucionalmente. Na atualidade ela vem a ser protagonista de sua história. Para Jácome (2018):

[...] a partir do momento em que foi conquistado um olhar consciente sobre a importância da criança e infância, foram criados diversos programas e políticas que objetivaram promover e expandir os requisitos essenciais para o exercício da cidadania das crianças, que por sua vez, passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade (JÁCOME, 2018, p.31).

A educação depois desse reconhecimento passa a desenvolver atividades de acordo com o desenvolvimento de cada sujeito. Foi através de muita luta e através de alguns movimentos sociais trabalhistas para conquistar uma educação de qualidade e acesso à escola que estes direitos foram conquistados.

Com a sistematização da sociedade no decorrer do tempo, as particularidades de cada criança, que antes não era notada, é concebida e esse olhar é modificado.

A partir do momento que o Estado tem esse compromisso e responsabilidade para com as crianças, juntamente com a atuação da família, procuram criar políticas que amparam as crianças. Na história podemos perceber quando Gomes (2015) comenta que:

No período da Revolução Industrial, séculos XVI e XVII, ocorreu uma mudança de postura das famílias e a criança passou a ser foco do interesse dos adultos. Surge nesse cenário a chamada família moderna que passa a ter um interesse maior na educação de suas crianças. Tal mudança resultou em sentimentos afetivos e mais cuidados, reconhecendo-se que a criança fazia parte da continuidade familiar (GOMES, 2015, p. 21841).

Falando em um cenário brasileiro, algumas conquistas são obtidas depois do surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990. Não deixando de mencionar a Lei De Diretrizes e Bases Da Educação que tem uma participação em algumas dessas conquistas, como por exemplo quando a educação infantil passa a fazer parte do sistema nacional de ensino, sendo a primeira etapa da educação básica. De acordo com Barreto (1998):

Um marco também de grande significação para a área é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada em dezembro de 1996. É a primeira vez que a expressão “educação infantil” aparece na lei nacional de educação. Recebe um destaque inexistente nas legislações anteriores, sendo tratada numa seção específica. É definida como primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade (BARRETO, 1998, p.23).

Entende-se a Educação Infantil como um estágio muito importante, considerando que nesses primeiros anos de vida o cuidado e a educação das crianças requerem um adulto preparado, como preconiza Maria Montessori.

Todas essas conquistas levaram a um novo olhar para com a criança. Assim como a infância deixou de ser vista como um tempo de assistencialismo e proteção, para ser vista como um tempo para a construção da educação e da cidadania.

b. A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA

É notório que a criança nos dias de hoje, tem seu tempo de aprendizagem respeitado e tem a liberdade de escolha, onde esta vem acompanhada de um determinado limite, isso faz com que seja permitido a ela o desenvolvimento de uma forma mais leve, onde a manifestação de cada atitude é valorizada.

Sabe-se da capacidade de aprendizagem que cada uma delas tem, claro que não se deve dar tudo pronto e preparado a cada criança, para isso a escola em parceria com a família deve propor possibilidades para o seu crescimento de forma integral, de maneira a procurar perceber a satisfação de cada ação realizada e conquistada por cada criança, observando no rostinho delas o quanto se sentem felizes na realização das atividades.

Podemos considerar essa questão da satisfação da criança, quando Jieli Nascimento (2019) ao se referir a questão do “trabalhar” e “brincar” numa percepção montessoriana diz que:

[...] Toda ação deliberada e concentrada da criança é um trabalho e assim deve ser tratado como tal. O trabalho nesse quesito opõe-se ao brincar, que por sua vez não tem uma finalidade pré-estabelecida. A criança, sob sua ótica, sentia mais prazer ao lavar pratos de verdade (trabalhar) do que ao fingir lavar pratos de brinquedo (brincar), isso considerando que a primeira ação fosse voluntária e não obrigatória, fazendo destaque ao sentimento de utilidade despertado na criança com essa ação (NASCIMENTO. J. B. N. 2019, p.28).

As escolas na época medieval eram em número pequeno, escassa a oferta. O que era relevante, era apenas a questão da oralidade, não se tinha a preocupação em ensinar as crianças a ler e nem escrever e muito menos, de fazer com que elas aprendessem como deveriam conviver ou portar-se diante da sociedade.

As instituições de ensino não eram tidas para passarem o conhecimento para os estudantes, onde deveriam ser preparados para atuar no mundo adulto. As aulas

eram ministradas em diferentes contextos, pois não havia um lugar apropriado para as aulas, poderiam ser aplicadas nas ruas e outros lugares.

Ainda nesta época que as crianças eram consideradas adultas, estavam no mesmo ambiente de ensino, com adultos de diferentes idades, tendo apenas um professor para ministrar uma mesma aula para todos.

De acordo com as mudanças relacionadas aos direitos que as crianças obtiveram e conhecimento do qual passam a ter direitos, estes devem ser preponderantes, influentes, estimulando as crianças a expressarem seus desejos com autonomia e respeito dentro das instituições.

1.2 - POR ONDE TRANSITOU A INFÂNCIA?

Observando o transitar dessa escrita nem de perto podemos mensurar quantas as trilhas percorridas pelas infâncias ao longo da História.

Desde a História Antiga que nos foi transmitida através dos chamados documentos oficiais nos quais as crianças não apareciam ou mesmo eram contadas. Caminhando pela Idade Média período em que as crianças também não dispunham de um olhar voltado às suas necessidades, simplesmente espreitavam-se em torno do que acontecesse no mundo adulto.

Passando pela Idade Moderna na qual tem início uma centelha de afeto pela alma infantil através do olhar romantizado que a Igreja lhe imputara. Chegando então à História Contemporânea, esta que pode ser “dividida” em tantos outros ciclos, têm-se os primeiros votos organizados por uma infância a ser respeitada.

A autonomia infantil oscila, portanto, nesse ir e vir de subjetividades a seu respeito. Se em uma época a criança é livre para brincar ou simplesmente aventura-se pelos campos isso nem sempre se deu associado ao cuidado por parte do adulto.

A autonomia da criança caminha junto com um adulto preparado que consiga compreender que a criança deve ser autônoma, mas não abandonada. Rica em direitos, mas resguardada em seu momento único de ser criança.

Saindo do completo anonimato, indo rumo ao trabalho adulto forçado, caindo em um mar de tempo livre para brincar e distanciando-se de tudo que é real,

pulando os obstáculos da “adultização da infância” na qual recebe tudo o que um adulto pode usufruir e enxergando um caminho “novo” em que a autonomia da criança a permite brincar, mas também ter a dignidade de saber e poder ir do amarrar os sapatos a refletir acerca do funcionamento das coisas é um caminho sobremodo fascinante e que buscamos aqui compreender.

CAPÍTULO 2 – SER CRIANÇA NA ESCOLA TRADICIONAL

Na Escola Tradicional ser criança é simplesmente ser a parte receptora, não ter uma educação voltada para ela e na sala de aula ter que aceitar tudo o que é proposto, sem direito a fazer nenhum tipo de indagação, não é dado a ela o direito de falar, porque simplesmente o professor quer que ela permaneça sempre em silêncio, tendo que ficar atenta a toda explicação transmitida por ele, não sendo admitidas quaisquer brincadeiras na sala de aula.

Com uma relação de ensino aprendizagem que não dá espaço ao desenvolvimento de crianças autônomas, mas sim passivas no seu processo de aprendizagem. Para Batista (2017) tais condições tornam a criança um ser dependente de comandos:

Posturas autoritárias geram crianças inseguras, autoritárias ou submissas, mas nunca autônomas. E, isso reflete no seu desenvolvimento como pessoa adulta: incapaz de decidir por si só, inseguro das suas próprias ações, dependente de comandos externos e decisões alheias (BATISTA, 2017, p.29).

Ainda nos dias de hoje é notório a continuidade de práticas educativas por parte do corpo docente, em que não fazem com que as crianças sejam protagonistas. Não colocam o aluno como sujeito ativo e autônomo dentro do espaço escolar.

As crianças não interagem umas com as outras, a experiência da cultura do aluno não é reconhecida como um ponto de aprendizagem, o professor é a figura central na sala de aula, ele que detém todo o conhecimento, assim trazendo ainda muito forte a cultura de transmissão de conteúdos.

É interessante perceber o que Leite (2015) reflete sobre a escola convencional, aqui vista como tradicional, com relação ao foco em conteúdos e o repensar quanto aos caminhos para a construção do conhecimento:

A escola convencional muitas vezes falha ao não nos proporcionar uma educação voltada para o sujeito, foca somente em conteúdos, esquece-se de auxiliar na formação integral do indivíduo, quando não o instiga a pensar, criticar, refletir. Seria ótimo se a criança da educação infantil e do ensino fundamental e o jovem do ensino médio compreendessem que aprender é agradável, instigante e libertador, mas para isso a escola precisa proporcionar a este educando um ambiente acolhedor. Isso é uma possibilidade quando a

instituição oferece diferentes caminhos para a construção do conhecimento, permitindo que o estudante tenha suas demandas ouvidas, respeitando seus interesses, particularidades e tempos de aprendizagem. Ao fazer pontes entre o conteúdo e o aluno de uma forma mais motivadora, experimental e próxima, partindo de seus conhecimentos prévios, seu contexto e suas vontades, a escola valoriza seu educando (LEITE, 2015, p.23).

Com isso faz necessário que o professor procure refletir da forma como ele conduz sua prática no cotidiano escolar. Procurando agir de forma mais humana para com seus alunos, desenvolvendo laços mais afetivos, deixando-as explorar o ambiente, para serem livres e demonstrarem seus desejos, suas necessidades, até suas emoções, para que de certa forma o desenvolvimento destas crianças seja mais satisfatório.

Cabe à escola a potencialização do que a criança já traz seus conhecimentos prévios e não práticas pedagógicas que desconsiderem as curiosidades, desejos e interesses próprios ao universo infantil (BATISTA, 2017).

Podemos ainda observar que nesse modelo de escola o professor transmite os conhecimentos conforme sua área de formação. Num formato de sala de aula com relações hierarquizadas e verticais, sendo que o professor assume uma posição de destaque com relação ao aluno, tendo uma postura na qual ainda não há espaço para a construção de autonomia do aluno relacionado à construção do conhecimento.



FIGURA03: Escola do século XIX

Fonte: <https://fundacaorotary4651.wordpress.com/2016/08/13/escola-do-seculo-xix/>

Na figura 03 podemos observar essa relação em que o professor é o detentor do saber e o aluno apenas passivo, um depósito para o conhecimento transmitido pelo mestre que está numa posição de destaque ao tablado, reforçando esse aspecto vertical da relação.

Sob a ótica da Escola Tradicional, percebemos alunos passivos, resultante também de práticas não estimuladoras, o que acontece é que as crianças progressivamente podem apresentar desinteresse e falta de motivação para aprender.

O que geralmente se propõe para o processo de ensino são as aulas expositivas, seguidas por exercícios e avaliações, que não respeitam o dinamismo das relações e processos de desenvolvimento da autonomia e aprendizagem.

É preciso pensar que este ambiente escolar deveria proporcionar diferentes caminhos para a construção dos conhecimentos, e deveria ter como objetivo primeiramente a formação integral do aluno.

É de uma relevância inquestionável que essa prática pedagógica procure desenvolver os aspectos sociais, motor, cognitivo e afetivo, e que este ambiente não seja um ambiente com um único objetivo. Que não fique reduzido ao objetivo de apenas ensinar conteúdos acadêmicos as crianças, mas sim de prepará-las para o mundo.

Enfim, é preciso que este cenário tradicional das escolas seja modificado, para uma escola inovadora de fato, com formas de aprendizagem inovadoras e que estas sejam voltadas para o interesse do aluno com metodologias mais agradáveis para o crescimento do aluno, que estes sejam respeitados, que suas vozes sejam ouvidas e não ignoradas.

Assim formando seres humanos com capacidade de adquirir e construir conhecimento com autonomia, gerenciando suas escolhas, seus sentimentos e emoções na relação com o outro.

Considerando as questões de mudanças culturais e processos de evolução da educação, percebe-se que, o ser criança na escola tradicional, traz uma reflexão de como as aprendizagens nesse formato podem ser promovidas, como a criança é

vista nesse processo, qual a sua atuação, que nesta situação, ainda não se percebe enquanto autônoma e construtora de conhecimentos.

2.1-A NOVA ROUPAGEM DA ESCOLA TRADICIONAL NO SÉCULO XXI

Atualmente as novas instituições de educação infantil, sendo elas na rede pública ou privada, contam com acesso às novas tecnologias com material de apoio tais como: computadores para o auxílio dos estudos, sala de vídeos, e ainda com mais disciplinas, tendo aula de artes, aula de música, de educação física entre outras, Maia et al (2015) apontam uma transformação na escola a partir do século XX:

O século XX assistiu a um vertiginoso desenvolvimento científico tecnológico que tem imposto à sociedade, de um modo geral, e em particular à escola, uma transformação radical. Saberes que anteriormente eram veiculados exclusivamente através de livros e pela escola formal, passaram a ser disseminados por outros espaços como a mídia, sendo que esta abrange veículos e linguagens diversas, que nos tem seduzido pelo uso, por exemplo, dos recursos áudio visuais (MAIA ET AL, 2015, p.02).

Uma escola nova e diferenciada, não só no aprendizado, mas também no mobiliário e na sua estruturação de organização do espaço de sala de aula, pois antes nas salas de aula tradicional os alunos se sentavam em cadeiras enfileiradas, de frente com a lousa, sem se movimentar dentro da sala de aula, com apenas cadernos, lápis e borracha.

Não usavam bolsas, as tarefas eram feitas através de mimeógrafos, sendo escritas a próprio punho pelos professores, os quais transmitiam os assuntos, não percebendo-se ainda a existência do uso das tecnologias nas aulas, não era a criança a protagonista do seu processo de construção do conhecimento. Maia et al (2015) apresentam a sala de aula tradicional:

A sala de aula convencional é um espaço social, com alunos e professores presentes, onde conhecimentos teóricos são apresentados gradativamente aos aprendentes, os graus de escolarização vão se sucedendo e, vindo à formatura, existe a demonstração de que conhecimentos e informações já são o bastante para um início de vida profissional ou de uma continuação em outro segmento (MAIA ET AL, 2015, p.03).

Vimos ainda que apesar de avanços e mudanças históricas e culturais o ensino para a educação infantil, não atende na sua totalidade as particularidades e necessidades típicas dessa fase do desenvolvimento humano. Henick e Faria (2015) trazem a seguinte consideração:

Assim, conclui-se que são diversos fatores, eventos, culturas, momentos históricos e políticos que influenciaram na forma de perceber a criança e juventude, suas necessidades, seus sofrimentos, angústias, cada qual tratando a infância da forma em que a compreendiam. Assim, é preciso estudar a história das crianças para se compreender a forma como hoje são tratadas, o espaço que adquiriram, as leis que as defendem, tudo sendo um processo histórico, alavancado de contradições durante todo o período (HENICK E FARIA, 2015, p.25833).

2.1.1- O CENÁRIO BRASILEIRO

Desde meados do século XIX, a educação das crianças, jovens e adultos das camadas populares livres, nacionais e estrangeiras, e libertas, constituiu um dos projetos de reforma insistentemente discutido pelos dirigentes do Estado e por outros setores da sociedade imperial. A ênfase na instrução e na educação popular, viabilizadas pela construção de escolas públicas e colégios, e pelo desenvolvimento da escolarização.

Henick e Faria (2015) afirmam que:

A educação da sociedade brasileira foi um fator de extrema importância, o qual serviu para separar as classes em empregados e patrões, colocando a disposição a educação que era necessária a cada um para exercer seu papel. Aos empregados a educação do aprender a fazer e para os filhos de patrões a escola que ensina a comandar, a mandar, a aumentar os lucros de uma empresa (HENICK E FARIA, 2015, p. 25833).

Com a Proclamação da República, em 1889, o processo de discussões com relação a educação infantil teve um maior foco. Ao observar o histórico da Educação Infantil no Brasil, vimos que as primeiras instituições de educação voltadas ao atendimento das crianças no Brasil foram criadas nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Inicialmente, atendiam uma clientela de classes bem-sucedidas. Depois disso, surgiram novas iniciativas de atendimento à educação infantil.

Paschoal e Machado (2009, p.1 apud GASBARRO et al, 2011, p.24), relata:

É importante mencionar que as escolas infantis no Brasil sofreram, no decorrer dos tempos, diferentes mudanças em suas funções, as quais passaram pelo assistencialismo, custódia e privação cultural, até a função educativa. [...] do ponto de vista histórico houve um avanço significativo da legislação quanto esta reconheceu a criança como cidadã, como sujeito de direitos, inclusive o direito à educação de qualidade desde o nascimento.

Com a Constituição de 1988 a Educação Infantil passa a ser parte do sistema educacional e a criança então passa a ser sujeito de direitos, e o direito a educação

seria um deles. Maia (2012) pontua muito bem o reconhecimento desse direito da criança ao comentar que:

Foi com a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que houve avanços para a Educação Infantil. Pela primeira vez no Brasil, com a Constituição de 1988, reconheceu-se um direito próprio da criança pequena, o direito à creche e à pré-escola. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069/julho de 1990, em seu artigo 54, determina que o Estado tem o dever de oferecer atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 5 anos. Na LDB n. 9394/1996, a nomenclatura Educação Infantil passou a ter forma mais favorável à criança pequena, e a Lei declara que a Educação Infantil se destina a crianças de 0 a 3 anos em creches e de 3 a 5 em pré-escolas, tornando-se parte integrante da Educação Básica brasileira (MAIA, 2012, p.40).

A criança passa a ter o direito de acesso à creche, e esta não teria apenas cunho de assistencialismo, mas, também estaria voltada para o aspecto educacional, onde ela faria parte do Sistema de Ensino e também das políticas públicas.

Com a elaboração de programas novos para a educação infantil, o caráter assistencialista dá lugar à função pedagógica voltada para o desenvolvimento da criança (OLIVEIRA, 2002).

Vimos que a educação pública no Brasil iniciou no século XX. A partir da sua criação, ocorrem diversas transformações, há um novo entendimento para a educação infantil, o que se entendia por essa modalidade era que tinha caráter não formal, onde os profissionais à frente do trabalho pedagógico não possuíam formação e qualificação para a regência, era um trabalho voluntário, em que não havia um compromisso de permanência àquela atividade.

2.2- UMA PERSPECTIVA DE MUDANÇA À ESCOLA TRADICIONAL: O MÉTODO MONTESSORI

No século XX no contexto social, havia conflitos no que se refere às políticas e práticas educacionais, uma vez que o movimento internacional chamado Escola Nova se constituía como possibilidade de renovação para a escola, na tentativa de superar a escola tradicional.

No cenário brasileiro, este embate é representado pelas críticas da escolanovistas brasileiros ao método de ensino dos jesuítas, um método tradicional. Santos (2018) destaca que:

No século XX, a educação brasileira passou por diversas mudanças, destacando o debate em torno do cuidado, preservação e preparação da infância. O movimento da Escola Nova trouxe uma proposta educacional renovadora, procurando atender às mudanças socioeconômicas e políticas que o país estava sofrendo. Naquele momento histórico começou a ser pensada uma nova forma de educar a criança pequena, pois até então o que predominava eram as práticas fundamentadas em experiências europeias (SANTOS, 2018, p. 5).

Ainda nesse século Maria Montessori desenvolveu um método peculiar de ensino que ficou mundialmente conhecido como Método Montessori. Este foi aplicado inicialmente nas escolas primárias italianas e depois ganhou o mundo.

O método consiste em estimular a autonomia e capacidade de resposta da criança por meio do uso do material didático especialmente desenhado. O método propõe uma grande variação das tarefas e máxima liberdade possível, permitindo dessa maneira que a criança aprenda por si mesma e seguindo o seu próprio ritmo nas descobertas. Portanto, incide em desenvolver a autonomia da criança. Esses materiais e a forma de trabalho com o método são diferenciais na proposta de Montessori como afirma Batista (2017):

Outro diferencial importante nas propostas de Montessori são os materiais e as formas de trabalho: os materiais propõem despertar habilidades cognitivas, sensoriais e até sociais. Baseados nos centros de interesse da criança e indo além, mostrando possibilidades. Cada centro de interesse recebe um nome, e os materiais ficam agrupados de acordo. Sempre ao alcance das crianças. Desde o surgimento na Itália de escolas que promoviam o método montessoriano, percebe-se que seus preceitos ganharam outros ares, novas adequações a depender do contexto econômico e social do lugar, porém a essência e princípios do Método permaneciam (BATISTA, 2017, p. 30).

Com a construção desse novo cenário educacional na história, percebemos atualmente que as salas de aula estão com um espaço mais ampliado, os prédios com estruturas maiores, cadeiras sendo distribuídas de maneira diferente, distribuídas entre as salas de modo que não fiquem em fileiras.

Nas escolas montessorianas o livro didático geralmente não é utilizado, sendo considerado desnecessário, pois com uso deste acredita-se que acaba bloqueando a livre escolha com relação à autoeducação. Mas instituições que fazem uso deste instrumento (pela cobrança dos pais ou por outras razões) as crianças têm acesso ao livro didático de uma forma mais livre e menos rígida.

Com relação aos professores e auxiliares de classe, na Educação Infantil no contexto atual, acredita-se que a maioria tenha capacitação, e procure estar sempre em processo de formação continuada para melhor desenvolver seu trabalho de forma a fazer a diferença no ato de educar, havendo assim uma troca de saberes entre alunos e professora.

Para isso compete ao professor ser um professor mediador, cativante e que busque ferramentas para proporcionar um melhor desenvolvimento no aprendizado da criança, pois é de fundamental importância na educação infantil, procurar propor novas práticas pedagógicas e assim, valorizar cada conquista da criança. Gomes (2018) afirma que:

[...] a organização didática da prática docente deve ser orientada por objetivos que provoquem mudanças positivas no processo de ensino e aprendizagem considerando o contexto social, cultural da criança, os sentimentos, as emoções e singularidades presentes em cada idade. Contudo, o professor como mediador do processo de socialização da criança precisa propiciar práticas docentes que promovam a integração, atendam as individualidades e diversidades e que considerem as experiências vivenciadas no seio familiar (GOMES, 2018, p.89).

É notório que a criança nos dias de hoje, tem seu processo de aprendizagem respeitado, tem a liberdade de escolha, onde esta vem acompanhada de um determinado limite, isso faz com que seja permitido a ela o desenvolvimento de uma forma mais leve, onde a manifestação de cada atitude é valorizada.

Sabe-se da capacidade de aprendizagem que cada uma delas tem, claro que não se deve dar tudo pronto e preparado a cada criança, para isso a escola e a família, devem propor possibilidades para o seu crescimento de forma integral, de maneira a procurar perceber a satisfação de cada ação realizada e conquistada por cada criança, observando no rostinho delas o quanto se sentem felizes na realização de cada atividade.

Com relação ao ambiente escolar, deve ser um ambiente acolhedor, lúdico e cheio de materiais pedagógicos que cubram de possibilidades a criança, para que possa começar por um processo de interação social através da experiência com outras crianças de forma segura, para assim ela ter ciência que na sociedade tem-se que cumprir algumas regras.

2.3- ONDE ESTÁ A AUTONOMIA?

Antigamente nas escolas, não havia uma pretensão em desenvolver a autonomia, e a preocupação era mais em alfabetizar, ou seja, em ensinar a criança a ler. A escola tradicional traz uma condição de que o conhecimento é só depositado no sujeito, restrito a ser um mero receptor de conhecimento.

Não existe uma troca de aprendizagem, apresentando uma educação com ênfase nos conteúdos acadêmicos, deixando de promover a formação integral do indivíduo, quando não estimula a criança a pensar, a fazer escolhas e tomar decisões para situações do cotidiano.

A seguir na Figura 04 uma cena que traduz essa sala de aula tradicional, que não estimula a troca de conhecimentos, apesar de percebermos que já mostra a questão de crianças sentando-se em carteiras duplas, porém não revela a intenção do professor em promover interações para aprendizagem, apenas expressa a organização do espaço físico, mostra ainda a superioridade do docente, visto que a sua mesa ficava em cima de um tablado.



FIGURA 04: SALA DE AULA ANTIGAMENTE

Fonte: <https://www.mur.com.br/home/blog/como-eram-as-escolas-de-antigamente>

Nos dias de hoje, as instituições educacionais, já dão uma determinada importância com relação ao desenvolvimento da autonomia, a escola de educação infantil onde é empregada a metodologia montessoriana, um método onde traz uma proposta inovadora, onde a criança é tratada com mais afeto e é tida como centro do

processo educativo e tem como característica a liberdade e o desenvolvimento da autonomia.

Foram discutidas as ideias de espaços de atendimento a infância a partir dos princípios da Escola Nova, como a questão da pedagogia ativa, a criança como sendo centro do processo, aprender fazendo e a autonomia (SANTOS, 2018).

A autonomia vem sendo cada vez mais almejada pelos pais e educadores, para que as crianças procurem desenvolver atividades que não precisam da ajuda dos adultos.

Mas para isso a escola de educação infantil com apoio do âmbito familiar precisa estar sempre estimulando as crianças em atitudes que venham ajudar nesse processo de construção, atitudes essas como, ensinar a criança a se alimentar sozinha, escovar os dentes, tomar banho, se vestir, guardar os brinquedos, calçar os sapatos dentre outras coisas.

Somente os cuidados consigo e com o próximo, possibilitarão a independência no desenvolvimento das ações, com a vivência dessas experiências cotidianas favorece a criança o desenvolvimento moral e da autonomia, assim a dependência do outro (nesse caso o adulto) e de decisões externas diminuem (BATISTA, 2017).

Evidenciar o desenvolvimento da autonomia na ótica da Escola Tradicional é um aspecto não perceptível, como já mencionado, nesse modelo de escola o professor faz a transmissão dos conhecimentos, numa relação hierarquizada e vertical, o professor torna-se a figura central e o aluno passivo, assim não há a possibilidade de construção da autonomia da criança.

No capítulo a seguir, iremos refletir e perceber a formação de seres capazes de adquirir e construir conhecimento com autonomia, ao abordar um pouco da história, princípios e fundamentos da Escola Montessoriana.

CAPÍTULO 3 – SER CRIANÇA NA ESCOLA MONTESSORI

É através da inserção da criança na escola que esta vai ter o primeiro contato com formas de sistematização de ensino, que vão fazer com que a mesma adquira o conhecimento e se desenvolva de forma integral. Quando os pais buscam uma escola para matricular seus filhos, eles vêm com um único desejo dentro deles, que nesse contexto escolar o desenvolvimento do seu filho seja dado de forma integral e que a escola possa deixar a criança livre, para construir aprendizagens significativas de um jeito prazeroso e satisfatório.

Propomos aqui uma consideração com relação à Escola Montessoriana, visto que percebe-se que a sua proposta é diferente das escolas tradicionais que seguem um padrão de hierarquização do ensino, numa postura de relação vertical, professor detentor de conhecimento e aluno receptor apenas. Nota-se que ainda existe essa prática tradicional, porém não mais vista e nem aceita como verdade absoluta (JIELI NASCIMENTO, 2019).

Um dos princípios montessorianos tem como base uma observação voltada para criança no decorrer do seu desenvolvimento, tendo com objetivo inicial desenvolver a autonomia da criança para que essa seja menos dependente dos adultos nas suas ações, mais seguras na tomada de decisões.

Na escola montessoriana, a criança tem a oportunidade de sua voz ser escutada, os seus desejos não são reprimidos e a criança se sente livre perante suas escolhas. Diferente de algumas escolas tradicionais em que o professor continua com o pensamento retrógrado de que ele é o senhor do conhecimento.

É importante ressaltar, porém que ao longo da história diversas correntes diferentes de pensamento acerca do currículo surgiram para contrapor a visão tradicional, não somente a filosofia montessoriana. Uma delas, a corrente crítica da qual o também renomado Paulo Freire faz parte, traz novos paradigmas para a educação, percebendo um novo direcionamento ao currículo e a construção de uma prática transformadora, conforme relata Jieli Nascimento (2019):

O currículo toma uma nova configuração e os sujeitos em sua formação saem da passividade e passam a ter vez nos espaços que estão inseridos. Assim, a desvalorização centrada nas condições impostas e na sua neutralidade são reconduzidas através de uma prática transformadora na qual o social é

considerado e se produzem novas perspectivas para o ensino, para a aprendizagem e para a educação (NASCIMENTO, J. B. N. 2019, p.41).

É relevante considerar que na Escola Montessoriana o ser criança, é ter liberdade de expressão, é ter suas escolhas e seu tempo de aprendizagem respeitada, pois a ela é permitida a condição de que seja uma “criança de verdade”, sujeito histórico, e enquanto tal, lhes são dadas possibilidades de ser ativa, podendo interagir dentro da sala sem medo de alguma recriminação, a esta criança é oportunizada a liberdade de escolha.

Neste contexto, a criança é colocada como centro no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, torna-se a protagonista no seu desenvolvimento. O professor apresenta outro papel nesse contexto, não é mais o detentor do conhecimento e sim uma figura mediadora, que segue sendo empático para com as crianças. De acordo com Gomes (2018):

Nessa perspectiva, compreender a criança como um ser pensante, que possui características próprias e faz parte de uma sociedade, permite que as vozes que ecoam de suas ações sejam refletidas e consideradas de maneira singular, provocando atitudes positivas para o cuidar, educar e integrar da criança. Nesse contexto, o professor tem um papel fundamental ao propor práticas docentes que estimulem a formação de pensamento, sendo necessário acolher e valorizar a criança diante de suas histórias de vida cotidiana vivenciada na escola, no seio familiar e com outras crianças (GOMES, 2018, p.105).

Nessa mesma escola os professores costumam agir de forma humanizada, valorizam a criança e se tem como objetivo principal o desenvolvimento integral da criança, em todos os aspectos, cognitivo, motor, afetivo, social, e a ela é dada total autonomia na hora de escolher qual material pedagógico ela vai preferir trabalhar. Primeiramente, estes ficam organizados em prateleiras ao alcance das crianças. Batista (2017) ressalta a importância desse acesso das crianças num ambiente propício para o desenvolvimento de aprendizagens numa perspectiva montessoriana:

Além disso, Montessori ressaltava a importância de um ambiente adequado para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Uma fala clássica de suas teorias é que as coisas feitas para as crianças estejam ao alcance delas. Assim, se a criança deseja um material para trabalhar, ela deve conseguir pegar sem auxílio do adulto, sem lhe pedir permissão, por exemplo. Se há enfeites infantis no ambiente, deve-se colocar ao alcance de seus olhos (BATISTA, 2017, p.29).

Consideramos então que numa visão montessoriana as crianças que participam de várias atividades propostas no ambiente escolar, como por exemplo, os trabalhos de vida prática que são atividades relacionadas ao ambiente doméstico, têm dentro dessa prática, maior oportunidade de estimular na criança o desenvolvimento da autonomia. Montessori observa então um primeiro problema da educação que é:

[...] fornecer à criança um ambiente que lhe permita desenvolver as funções que lhe são determinadas pela natureza. O que não significa satisfazer a criança e permitir que faça o que bem lhe agrade, mas sim dispormo-nos a colaborar com um comando da natureza, com uma de suas leis, a qual decreta que o desenvolvimento se efetue através de experiências sobre o ambiente (MONTESSORI, s/d, p. 104).

Consideremos a seguir, um pouco da história de Maria Montessori e reflexões sobre fundamentos e princípios do seu método, que validam as possibilidades da construção da autonomia na Educação Infantil.

3.1-BREVE HISTÓRICO DE MARIA MONTESSORI E SEU MÉTODO

Maria Montessori nasceu em 1870 em Chiaravalle, cidade italiana, e desde pequena se interessou pelo mundo das Ciências, porém houve uma certa resistência da sua família e principalmente por parte da figura paterna, mas seguiu adiante decidida a cumprir o seu propósito. Tornou-se a primeira médica na Itália, com estudos em neuropatologia, procurando assim direcionar seu caminho para a psiquiatria, passando a ter interesse em crianças com algum retardamento mental.

Organizaremos a seguir alguns fatos e aspectos da trajetória do seu trabalho. Montessori ao trabalhar em uma clínica psiquiátrica, enquanto assistente, encarregada de estudar o comportamento de jovens que apresentavam retardo mental, a partir dessa experiência decidiu direcionar seus estudos e dedicar-se aos problemas pedagógicos e educativos.

O que faria não só na sua vida, mas também na história da educação uma grande mudança. Ela passa a perceber que essas crianças que não teriam condição de serem educadas, davam respostas rápidas quando estimuladas em algumas atividades relacionadas ao ambiente doméstico, trabalhando as habilidades motoras e experimentando a autonomia.

Ao se deparar com uma cena em que, Montessori presencia uma colega de trabalho mostrando em seu semblante a insatisfação, o desprezo em trabalhar com aqueles sujeitos com deficiência, sentiu a necessidade de fazer algo por eles, então ela passa a idealizar um projeto para ajudar aqueles sujeitos.

Montessori passa a produzir materiais necessários para ajudar no desenvolvimento dos mesmos. Assim nasce o Método Montessori que percorreu todo o mundo.

Jieli Nascimento (2019) nos traz uma breve apresentação da trajetória de Montessori e também as possibilidades de bons resultados através do Método Montessoriano:

Montessori não intentou criar um método, mas ao tempo que se dedicava a estudar a criança, o seu método surgiu. Para fins biográficos podemos assim descrever sua trajetória: mulher à frente do seu tempo que cursou medicina quando essa ainda era uma função dominada pelo universo masculino; uma vez na medicina enveredou-se pelos estudos e cuidados com as crianças deficientes, à época chamados de anormais; com ótimos resultados entre os deficientes Montessori então, busca demonstrar que seu método poderia trazer bons resultados a qualquer criança “anormal ou normal” (NASCIMENTO. J. B. N. 2019, p. 27).

Maria Montessori graduou-se em pedagogia, psicologia, antropologia e em seguida cria um espaço dedicado a atender as crianças tidas com anormais com o nome de Casa dei Bambini (Casa das crianças) localizada no centro de Roma em uma região.

A elas era oportunizada toda aprendizagem necessária para suas vidas, considerando suas faixas etárias ou períodos sensíveis como definido por Montessori, permitindo-lhes então ter total independência e autonomia.

Assim foram sendo abertas outras destas em outros lugares. A casa teve tanto sucesso, que Maria Montessori veio a ser uma celebridade nacional e em pouco tempo também internacional.

Maria Montessori morreu em 1952 em Nordwijk, na Holanda.



FIGURA 05: MARIA MONTESSORI

Fonte: <http://correorecibido.blogspot.com/2012/08/maria-montessori-la-pedagoga.html>

O Método Montessori surge com um novo olhar para a criança e para a educação, que vem para fazer a diferença em outras formas pedagógicas que são ultrapassadas, ou seja, uma metodologia onde o novo abre espaço para novas práticas dentro das salas de aula.

Existem diversas escolas que adotam o método montessoriano, porém o que se percebe, é que as informações relacionadas ao método ainda são muito escassas, onde é provável que existam professores na educação infantil sentindo dificuldades em trabalhar com o método por falta de informações.

O Método Montessori foi desenvolvido depois de várias pesquisas científicas e procura dar ênfase ao desenvolvimento da autonomia, da liberdade e da livre escolha do sujeito.

Para Montessori o mais relevante do método não é nem tanto a sua prática ou o material pedagógico, mas as várias possibilidades que este proporciona para a utilização do mesmo.



FIGURA 06 – Maria Montessori com criança utilizando os Encaixes Metálicos
 Fonte: <http://correorecibido.blogspot.com.es/2012/08/maria-montessori-lapedagoga.html>

O método trabalha em cima de atividades (trabalhos) onde, seguem ensinando valores que a criança leva para sua vida, sendo assim, tem como objetivo contribuir no desenvolvimento da vida da criança de forma integral. Neste sentido o método Montessori passa a ser um método educacional que contemplaria o desenvolvimento da criança na sua integralidade de forma plena (DUARTE, 2014).

Neste método a criança é a figura central no processo de ensino e aprendizagem e o professor segue acompanhando neste desempenho rumo a aprendizagem, pronto para fazer a intervenção quando for necessária.

Retomando as reflexões de Jieli Nascimento (2019), esta apresenta uma síntese sobre o método Montessori que revela um novo olhar para a criança:

Buscando então sintetizar a essência do Método Montessori pode-se dizer que é um equilíbrio entre a liberdade da criança e ação consciente do adulto. O método apresenta uma forma diferente de ver a criança, uma forma não permissiva, mas que também não é autoritária. Nada mais importante para esta fórmula então que o espírito de observador que esse adulto deve ter. Pois para prover as condições necessárias para que essa criança desenvolva seu potencial, o adulto deve observá-lo (NASCIMENTO, J. B. N. 2019, p.31).

Uma concepção de criança diferente da pedagogia tradicional, na qual a criança não é colocada no centro da aprendizagem e o professor que é tido como a figura central da sala de aula.

Com relação a sala de aula no método Montessori e trazendo uma análise de uma escola tradicional mesmo o docente ouvindo o que aluno tem a dizer, ele continua sendo o único “regente”, condição não indicada no método (JIELI NASCIMENTO, 2019).

No Método Montessori vimos que não se impõe limite para criança trabalhar com qualquer material de sua escolha, desde que este não faça nada que prejudique a si mesmo, ao outro ou ao ambiente.

As iniciativas acontecem de forma espontânea por parte da criança, na sala o aluno segue trabalhando com o material que fica exposto nas estantes ao seu alcance, colocando o material em cima de um tapete para que ele não seja danificado, depois de terminar de trabalhar com o material de sua escolha, devolve o mesmo para estante deixando o ambiente organizado.

Montessori enfatizava a relevância de se oferecer um ambiente adequado para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, sendo assim o material para o trabalho, deveria estar disposto ao seu alcance, desta forma esta deveria conseguir pegar o material sem o auxílio ou permissão do adulto. Quanto à educação e ao ambiente preparado para o desenvolvimento da criança a educadora Montessori afirma que:

[...] educação não é aquilo que o professor transmite, mas sim um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que ela não é adquirida escutando-se palavras, mas em virtude de experiências realizadas no ambiente. A tarefa do professor não é falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente preparado exatamente com este objetivo (MONTESSORI, s/d , p. 16).

Nesse método percebe-se a proposta de liberdade, responsabilidade e disciplina, no intuito de que a criança tenha autocontrole e autoeducação, nesta concepção o método promove então a autonomia das crianças.

3.2- PRINCIPAIS FUNDAMENTOS DO MÉTODO MONTESSORI

A metodologia montessoriana tem como principal base a observação, dando apoio ao desenvolvimento infantil da criança de forma integral. E outro fator que é bastante intensificado no método é o respeito, esse respeito é direcionado a todos os sujeitos que fazem parte da escola e também aos materiais utilizados para o trabalho visando desenvolver seu aprendizado.

A Escola Montessoriana é diferente da Escola Tradicional, nela se procura trabalhar os valores e tem como base uma observação voltada para a criança no decorrer do seu desenvolvimento. Um dos objetivos iniciais é desenvolver a

autonomia da criança para que essa seja menos dependente dos adultos nas suas ações.

As crianças devem ser capazes de executar o maior número de ações sozinhas, numa perspectiva de autoeducação, com uma intervenção mediada pelo professor observador.

Numa concepção montessoriana, o aluno participa ativamente do processo ensino-aprendizagem, tendo a liberdade para trabalhar, mover-se na sala, há interação igualmente entre aluno e docente, há uma motivação para a autodisciplina, a autoeducação e para a colaboração mútua. Percebe-se aqui a importância no método dos seguintes aspectos: autoeducação, autodisciplina, criança equilibrada, ambiente adequado e adulto preparado.

Pontuemos alguns pilares, princípios do Método Montessori que são base da sua teoria: a liberdade, a atividade e a individualidade. Faria et al (2012) trazem a ideia desses princípios na visão de Montessori:

A educadora vê a vida como desenvolvimento e, para que isso ocorra, a criança deverá estar inserida num ambiente em que ela esteja à vontade. Por isso é importante que a escola esteja adaptada e organizada para que a criança sintam-se livre. Ela mesma se autodisciplinará através do interesse em realizar as atividades. A atividade é consequência do princípio da liberdade, pois a criança deverá se sentir livre, mas de forma ordeira. Para isso a escola deve oferecer um ambiente organizado, onde a criança possa se desenvolver de acordo com seu tempo de aprendizagem. Dessa forma, respeita-se o desenvolvimento de cada educando e orienta-se a educação para a individualidade (FARIA. ET AL , 2012, p. 7).

E esta autonomia que é estimulada dentro das escolas montessorianas pode favorecer também às escolas tradicionais que se propunham enriquecer o seu currículo com novas práticas pedagógicas, ainda este pode ser estendido ao âmbito familiar. Sabe-se que já acontece em alguns ambientes familiares o uso da metodologia montessoriana, no cotidiano dessas famílias que tem seus filhos matriculados em escolas montessoriana ou não.

Jieli Nascimento (2019) esclarece esse uso do método em ambiente escolar ou familiar ao afirmar que:

Como se percebe em toda a teoria acerca do Método Montessori apresentada, Maria Montessori não idealizou exatamente uma escola. Antes de pensar em uma escola, ela pensou na criança. Pensou em qual seria o ambiente mais adequado para uma criança desenvolver-se livremente, fosse esse ambiente a sua casa, ou a escola o que resultou na Casa das Crianças,

uma escola/casa onde a criança seria o centro de cada atividade (NASCIMENTO. J. B. N. 2019, p.45).

Vimos a possibilidade de uma real autonomia a se desenvolver na criança, por estar inserida num ambiente preparado, que lhe permite movimentos livres e escolhas de aprendizagens, a partir de materiais que estão ao seu alcance, num processo de respeito e interação com os colegas e o docente.

3.3- A CRIANÇA AUTÔNOMA

Quando os adultos pararem de pensar que as crianças são incapazes de executar determinadas tarefas, pela pouca idade que elas têm, e deixarem elas experimentarem experiências da vida cotidiana como, tomar banho sozinho, comer sozinho, lavar os pratos, escolher a roupa que elas queiram vestir, dentre outras ações, elas vão se tornar crianças autônomas, e conseqüentemente vão elevar sua autoestima.

Espera-se portanto, que os adultos se conscientizem então quanto o estímulo a essa independência das crianças, pode fazer toda uma diferença no futuro delas, fazendo delas crianças com mais autoconfiança na resolução de situações que a vida lhes reserva. Vieira (2009) defende que:

[...] a autonomia só é real quando a criança é segura no agir. A segurança só acontece quando ela deixa de ser dependente de um adulto. No entanto, é o adulto quem primeiro a orienta para que ela tenha uma autonomia mais tarde. É quase irreal falar em autonomia se os adultos não as deixam experimentar e viver situações de desafios, de busca, de criação, de segurança e insegurança [...] (VIEIRA , 2009, p. 02).

Antigamente nas escolas, não havia uma pretensão em desenvolver a autonomia, e sim a preocupação era disciplinar a criança para receber o que estava sendo transmitido pelo professor. Um contexto que várias gerações conhecem bem.

Fazendo uma retomada na memória da minha vida escolar o que se via nas salas eram: alunos passivos que permaneciam imóveis, não havia interação com outros colegas, na hora de merendar eram acompanhados pela professora para permanecerem organizados na fila, não era permitido sair da ordem.

De forma autoritária a ordem vinha sempre do professor onde ele mandava e o aluno obedecia, e com isso sua voz ia sendo silenciada por conta do ar de

superioridade que transparecia do mestre. O aluno não demonstrava dúvida ou que não havia compreendido algo, não se atrevia a se aproximar da mesa da professora, nem pensava em interromper uma explanação alegando não estar entendendo.

O ato de memorização e repetição fazia com que o aluno apenas decorasse o conteúdo, uma ação que causava certo medo, pois o não memorizar aquele conhecimento passado pelo docente, seria um sinal que a causa da não aprendizagem estava no aluno, ainda tinham os castigos físicos ou psicológicos que eram impostos aos mesmos.

Montessori menciona que as crianças não sofriam somente no seio familiar, a educadora nos revela fatos impressionantes do sofrimento da criança em contexto escolar da época:

[...] Muitas vezes nos colégios especificavam-se os castigos utilizados, como pendurar letreiros infamantes no peito, pôr na cabeça orelhas de burro, expor a criança a uma autêntica berlinda para ser alvo de troca e insultos de quem passasse diante dela. Outros castigos eram verdadeiros tormentos físicos- ficar de pé horas a frio com a cara voltada para um canto da sala, de modo que, nada podendo fazer nem ver, ser aborrecesse e cansasse (MONTESSORI, 1989, p.199).

A relação de interação e mediação de conhecimento não existia. Situação nada parecida com a relação de aprendizagem no Método Montessori em que o aluno é ativo no processo ensino aprendizagem.

A dinâmica da escola era iniciada com os alunos indo até o pátio de a escola rezar em seguida se cantava o Hino Nacional, para em seguida ir na companhia do professor para adentrar a sala e assistir a aula.

O aluno desta forma continuava a não ter voz e sentir-se retraído, onde o único momento que tinha para estar em liberdade e interagir com os outros colegas eram na hora do recreio, oportunidade de vida social no ambiente escolar, sendo este o único momento que se sentia “autônomo”, livre, sem interferência de algum adulto para impedir a brincadeira e de ser criança no corpo e na alma.

As oportunidades de vida social nas escolas montessorianas são vividas em comunidade, em relação a essas oportunidades Montessori afirma que:

As únicas oportunidades de vida social de que dispõem os alunos das escolas comuns são oferecidas pelo recreio e pelas raras excursões; enquanto as crianças das nossas escolas vivem sempre numa comunidade trabalhadora (MONTESSORI, s/d , p. 245).

Muitas crianças são tímidas e inseguras sem iniciativa alguma, o que pode haver com a falta de sensibilidade do professor, que não tem um olhar mais atento a essa autonomia que é tão importante na vida dessa criança.

Os que não estimulam a autonomia da criança, desde cedo, tem que fazer uma reflexão com relação às suas práticas e ao currículo escolar, procurando abrir vários leques para outras formas de aprendizagem inovadoras de educação infantil.

Nos dias de hoje algumas instituições educacionais já dão uma determinada importância com relação ao desenvolvimento da autonomia, o que é muito bem trabalhado nas escolas de educação infantil montessorianas.

O método utilizado num ambiente montessoriano traz uma proposta inovadora, onde a criança é tratada com mais afeto, é tida como centro do processo educativo e tem como característica a liberdade e o desenvolvimento da autonomia.

No ano de 2017 tive o prazer de trabalhar como auxiliar de classe na turma do Nido, onde são matriculadas crianças a partir de 1 ano e 7 meses de idade. Este era um ambiente preparado de acordo com a faixa etária dos alunos e diariamente iam criando o hábito de organização devido ao preparo deste espaço.

As crianças colocavam a água no copo sem ajuda do adulto, sendo estimuladas a escovarem os dentes e a guardarem o material da escola, colocando a mochila no local apropriado. Na hora do lanche escolhiam as frutas que queriam comer.

Essa realização de atividades cotidianas traz à criança oportunidades de maior interação com os que estão ao seu redor de forma significativa.

A figura 07 apresenta crianças e docente na Linha na sala de aula da unidade escolar que tive a oportunidade de testemunhar que o Método Montessori de fato proporcionava o desenvolvimento da autonomia infantil.



FIGURA 07: Crianças e docente na Linha numa sala de aula Montessoriana
 Fonte :<https://www.recantopequenoprincipe.com.br/classes/agp-iab/>

É interessante observar essa oportunidade de autonomia quando Jieli Nascimento (2019) comenta uma experiência real do cotidiano vivenciado pela criança:

Dar à criança oportunidade de agir sempre no plano real, varrendo uma sala, por exemplo, ao invés de fingir que varre com vassoura de brinquedo, lhe proporcionará um maior prazer, uma maior autonomia e um melhor envolvimento com o seu meio social, por exemplo (NASCIMENTO. J. B. N. p.32, 2019).

Isto acontece quando, por exemplo, elas são estimuladas a sentarem à mesa sozinhas sem ajuda da professora ou auxiliar de classe na hora de lanche, na escolha de sua fruta de preferência que vai querer degustar. Na escolha de qual material pedagógico vai trabalhar primeiro, na ida ao banheiro ou ainda, quando na hora da saída alguma delas não precisam que seus pais venham buscar dentro da sala de aula, elas por si mesmas vão ao encontro destes.

A autonomia infantil não significa abandonar a criança à “própria sorte”, deixar as crianças a suas próprias vontades, esperando que a autonomia aconteça num passe de mágica, é um erro pensar de tal forma.

Orientar um trabalho para autonomia da criança é tarefa desafiadora, mas possível sim, como visto neste trabalho com a proposta de trabalho com o Método Montessori.

O ambiente deve ser adequado para atender a essa demanda, permitindo às crianças atividades livres e articuladas aos seus interesses, onde adultos observem

que a criança tem um tempo próprio para organizar seu pensamento, assim dando o apoio de maneira a não antecipar ou concluir a ideia a ser construída pela criança.

Com o ambiente adequado e o adulto preparado, nesse contexto de sala de aula montessoriana, é possível também pensar em um currículo voltado para promover vivência e interação nos aspectos da vida prática, vejamos alguns dentre vários para a faixa etária entre 3 e 5 anos (cada habilidade dessa gradativamente conquistada a cada ano, indo da necessidade de ajuda do adulto até o fazer sozinho):

- ✓ Conhecer e realizar apropriadamente as etapas da rotina do dia;
- ✓ Estender e dobrar tapetes.
- ✓ Fazer uso adequado do banheiro com ajuda do adulto.
- ✓ Lavar as mãos após o uso do banheiro com ajuda do adulto.
- ✓ Escovar os dentes com apoio do adulto.
- ✓ Despir peças simples com independência.
- ✓ Vestir-se com ajuda de um adulto.
- ✓ Descalçar-se com independência.
- ✓ Calçar-se com alguma ajuda de um adulto.
- ✓ Pentear-se com apoio do adulto.
- ✓ Fazer, com alguma adequação, pequenas arrumações a partir da demonstração do adulto: bolseira, mochila, materiais da classe.
- ✓ Dispor seu lugar à mesa para atividades de alimentação.
- ✓ Servir-se utilizando concha, colher e pinça apropriada, evitando derramar.
- ✓ Apresentar boas maneiras a mesa (sentar-se adequadamente, evitar falar com a boca cheia, usar apropriadamente o guardanapo).
- ✓ Deixar seu lugar limpo à mesa ao terminar sua refeição.
- ✓ Usar colher e garfo apropriadamente.
- ✓ Usar a faca com movimentação adequada.
- ✓ Encher seu copo com água no bebedouro sem derramar.
- ✓ Versar ou transpor sólidos sem derramar.
- ✓ Versar ou transpor líquido sem derramar.
- ✓ Dobrar: usando o material, tapetes, panos, peças de roupa simples.
- ✓ Conhecer a função dos objetos utilizados na conservação do ambiente.

- ✓ Colaborar nas atividades de conservação do ambiente utilizando movimentação adequada.

Considera-se que com estas práticas e outras durante o processo de educação infantil se possibilite à criança conquistar a autonomia de suas capacidades físicas, intelectuais e sociais de forma natural e prazerosa.

Pensar em autonomia infantil é pensar em promover a construção de uma identidade, de pensamento criativo e investigativo, a partir de uma relação da criança entre os pares e o adulto.

A experiência do convívio com outras crianças traz benefícios para o desenvolvimento da autonomia, a percepção do ambiente, de si e do outro numa relação de interação, se aprende a ser autônoma, sendo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação e curiosidade em descobrir sobre o desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil surgiu a partir da experiência que vivenciei ao trabalhar por um período em uma escola enquanto auxiliar de classe. Esta unidade de ensino tinha como proposta o trabalho com o Método Montessori. Deparei-me com crianças realizando atividades direcionadas para o desenvolvimento da autonomia, momentos de encantamento, para alguém que em sua trajetória escolar, infância e adolescência, não teve a oportunidade de vivenciar estes momentos. Essa vivência me trouxe um encantamento e novo olhar para o desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil.

Cada descoberta e saberes adquiridos revelaram um crescente desejo de conhecer mais acerca do sentir-se autônomo, nesse processo de produção de conhecimentos e aumentaram o encantamento com relação a concepção de criança autônoma.

A pesquisa nos revela que em um período da história a criança não era reconhecida como ser relevante, eram tidas como adultos em miniatura, não havia um reconhecimento do ser criança de fato. Sendo somente na idade contemporânea que a criança passa a ser valorizada perante a sociedade.

Falando um pouco de como é ser criança na Escola Tradicional, percebe-se que se trata de ser uma criança receptora, não tendo uma educação voltada para ela e na sala de aula ela tem que aceitar tudo o que é proposto pelo professor, e neste modelo de aprendizagem não é percebido o desenvolvimento da autonomia. Algo que é muito familiar às experiências vividas, que fazem parte da nossa memória escolar.

Não ter experimentado na infância essa condição de criança autônoma, num contexto escolar que expressava uma concepção de Escola Tradicional, originou uma curiosidade maior para essa questão da autonomia, assim se potencializou essa percepção para a construção da autonomia na educação infantil em crianças em contexto escolar.

Então no decorrer do tempo foram aparecendo novas escolas com um modelo inovador, onde a figura do professor já não é mais o detentor de todo conhecimento, com isso a criança passa ser protagonista no seu desenvolvimento.

Hoje em dia, a criança além de ter seu tempo de aprendizagem respeitado, tem liberdade de escolha e ainda é estimulada no desenvolvimento da autonomia. Contudo, mesmo em meio a tantas considerações acerca do desenvolvimento infantil, ainda existem escolas de educação infantil que continuam com algumas práticas pedagógicas da Escola Tradicional.

É preciso que este cenário seja modificado, para que novas formas de aprendizagem sejam introduzidas nessas escolas.

É possível perceber que a Escola Tradicional não desenvolve a autonomia da criança, diferentemente da Escola Montessoriana que se opõe a esta metodologia e concepção. Surge então no contexto educativo o Método Montessori, enquanto uma possibilidade de desenvolvimento integral da criança e de torná-la autônoma.

O Método Montessori contribui com o desenvolvimento da autonomia na Educação, além de promover a autoeducação, o respeito ao próximo, estimular as individualidades, tornando as crianças capazes de terem suas próprias escolhas e conseqüentemente tomar decisões.

A temática foi escolhida a partir de uma inquietação com as propostas tradicionais até hoje utilizadas nas escolas. Acreditamos que uma educação que potencialize a autonomia das crianças desde a educação infantil é fundamental para formar sujeitos autônomos, independentes.

Unidades de ensino que apresentam práticas voltadas a fundamentos Montessorianos, têm de fato possibilidades de promover uma educação mais autônoma, onde as crianças cresçam, e possam se tornar adultos, autônomos e críticos, enfim, uma possibilidade de melhoria da nossa Educação.

Entende-se que é de suma importância que a autonomia das crianças seja desenvolvida desde muito pequenas, pois pode fazer delas crianças mais seguras e independentes para resolução de alguns impasses que a vida pode lhes oferecer.

A criança autônoma, portanto, tem a capacidade de resolver seus problemas, de se relacionar, se comunicar com o outro e fazer escolhas experimentando uma autonomia própria.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ângela Maria Rabelo Ferreira. **SUBSÍDIOS PARA CREDENCIAMENTO E FUNCIONAMENTO DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Situação atual da educação infantil no Brasil.**..A.p. 23 .V. II BRASÍLIA, MAIO DE 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume_II.pdf#page=25>. Acesso 31 maio2021.

BATISTA, Luísa Lopes. **Educação Infantil e Autonomia: uma perspectiva montessoriana para reconhecimento das infâncias.** 2017.Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18630/1/2017_LuisaLopesBatista.pdf . Acesso em 09 jun2021.

CORTEZ, Clarice Zamonaro. **As representações da infância na idade média.** Anais da x jornada de estudos antigos e medievais. Universidade Estadual de Maringá, 2011. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03018.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2021.

DUARTE, Aldenia Pereira Mota. **Contribuições de Maria Montessori para as Práticas Pedagógicas na Educação Infantil.** 2014. Disponível em :<http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1J0bXYEScWvt56S_2015-2-3-14-35-16.pdf> . Acesso em 11 jun 2021.

FARIA , Ana Carolina Evangelista, et al. **Método Montessoriano: A importância do ambiente e do lúdico na Educação Infantil.** Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery Curso de Pedagogia– N. 12, JAN/JUN .2012. disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pdf>>. Acesso em 18 jun 2021.

GASBARRO, Ana Lúcia Marques. **Estrutura e Organização da escola de Educação Infantil.** São Paulo, SP: Sol, 2011.

GOMES. Débora. **História da criança: breves considerações sobre concepções e escolarização da infância.** UNICENTRO p. 21841.2015 .Grupo de Trabalho – Educação da Infância . Disponível:<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19895_10342.pdf>. Acesso em: 31 de maio 2021.

GOMES, Tiago Pereira. **Prática Docente na Educação Infantil: Concepções Teóricas e Metodológicas no município de José de Freitas-PI.** 2018. Disponível em: <https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/DISSERTA%C3%87%C3%83O_D E_MESTRADO-VERS%C3%83O_FINAL-PPGED20190725103640.pdf>. Acessoem: 11 jun 2021.

HENICK, Angelica Cristina, FARIA Paula Maria Ferreira de. **História da infância no Brasil-** SÃO BRAZ .2015 . Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131_8679.pdf> . Acesso em : 12 jun 2021.

JÁCOME, Paloma da Silva. **Criança e infância: uma construção histórica**. UFRN 1/1/2018. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/7139/1/crian%C3%A7aInfanciaContruc_Monografia_2018.pdf>. Acesso em 07 maio 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Ana Carolina Resende. **“Por uma escola dos sonhos” Projeto experimental em Audiovisual**. 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12333/6/2015_AnaCarolinaResendeLeite.pdf>. Acesso em 12 jun 2021.

MAIA, Cleiton Machado, et al. **Reflexão entre aprendizagem convencional e aprendizagem mediada**. Rio de Janeiro – RJ – 04/2015– AVM Faculdade Integrada Disponível em :<http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_71.pdf> Acesso em : 12 jun 2021.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e de educação dos professores de educação infantil**. 2012. Disponível em :<<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>>. Acesso em 12 jun 2021.

MARTINS, Maurício Rebelo; DALBOSCO, Claudio A. **Rousseau e a primeira infância**. Filosofia e Educação – ISSN 1984-9605 – Volume 4, Número 2 Outubro de 2012 – Março de 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8635425/3218/4738>>. Acesso em 14 de maio 2021.

MONTESSORI, Maria. **A Criança**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

_____. Maria. **Mente Absorvente**. 2 ed. Portugal: Portugalia, s/d.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. **Escolarização da Infância: notas sobre história, concepções e políticas**– UFRRJ. 2009. Disponível em :<<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT13-5519--Res.pdf>> .Acesso em 29 de maio 2021.

NASCIMENTO, Jieli Brito Neves. **Escola Recanto do Pequeno Príncipe: estudo de caso em uma escola montessoriana**. 2019. 135 fl.: il. Disponível em :<<https://portal.uneb.br/ppgesa/wp-content/uploads/sites/119/2019/04/JIELI-BRITO-NEVES-NASCIMENTO.pdf>>. Acesso em 12 maio 2021.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo. SP: Cortez, 2002.

SANTOS, Jaqueline Silva. **O Contexto Histórico da Educação Infantil**. Este artigo faz parte das reflexões contidas na dissertação de mestrado que foi defendida em janeiro de 2018, intitulada **Como a Afetividade Pode Influenciar na Aprendizagem**

das Crianças na Educação Infantil. Disponível em :<<http://osid.org.py/v1/wp-content/uploads/2017/12/Jaqueline-Silva-Santos-Artigo-O-CONTEXTO-HIST%C3%93RICO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL.pdf> .> Acesso em: 12 jun 2021.

VIEIRA, Analúcia de Moraes. **Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil.** Universidade do Minho/Instituto de Estudos da Criança, Brasil. Revista Iberoamericana de Educación ISSN: 1681-5653 n.º 49/5 – 25 de mayo de 2009. Disponível em :<<https://rieoei.org/historico/deloslectores/2964Morais.pdf>>. Acesso em: 18 jun 2021.